

OS CANANEUS

Livro 53

Escritos Fenícios

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



Roberto Curi Hallal



FATORES HERDADOS

Liberdade de deslocamento, abundância, estabilidade, armazenamento, terraços agrícolas, cooperação, solidariedade, fraternidade, criatividade várias.



ONTEM FENÍCIOS HOJE LIBANESES, SIRIOS, PALESTINOS

FENÍCIOS - produtores de equilíbrio - bens materiais + bens imateriais.

LIBANESES, SIRIOS, PALESTINOS - herdeiros ambíguos de uma identidade - bens materiais e/ou bens imateriais. Preponderância cultural entre ocidente e/ou oriente.

MUNDOS LONGÍQUOS

O desenvolvimento alcançado em fins do século II e nos inícios do século I a.C. se expande, mais além dos palácios que monopolizavam- ferro, cera, soldadura, telar vertical, técnicas agrárias, etc., começando a estender-se para a Europa bárbara desde o Mediterrâneo. Talvez nisso tiveram um importante papel essas viagens em busca de conhecimento e experiência, que paulatinamente foram aproximando ambos extremos do mundo. O Mediterrâneo e a Europa Bárbara e fazendo chegar aos portos orientais notícia da existência de terras, gentes e recursos nos confins do Mediterrâneo, assim como naquela, de objetos imbuídos de valor do longínquo e do conhecimento e experiência do contato com gentes e mundo longínquos. (Ruiz-Prego)

OCEANO

No mundo das conquistas fenícias as leituras diferentes permitem contemplar todas as caras da realidade do momento. Nos extremos do mundo se marca a delimitação do espaço, que vem a destacar a obscura consciência do mais além nestes momentos da história das mentalidades antigas...Oceano é o limite das viagens míticas relacionadas com os objetivos finais dos heróis.



LUGARES LONGÍNQUOS

Oceano aparece como uma divindade originária. A partir daí, com o conhecimento do mundo colonial, se define com um rio que rodeia a terra. Porém em sua imagem perdura a referência como ponto extremo do mundo, cenário dos amores e da morte. Isso facilita a funcionalidade no mundo dos rituais iniciáticos. O Oceano aparece como uma metáfora das catarses, dos rituais de purificação que permitem a integração na comunidade. (J. Rudhardt, *Le thème*,98.)

SISTEMAS

Os sistemas não funcionam sem a concordância dos humanos que os criam e mantem. É com este argumento que os controladores do poder seguem fabricando um mundo cada vez pior oferecido como cada vez melhor.



MEMÓRIA A NAVE DA ETERNIDADE

Empresto minha voz aos meus antepassados, autentico seus sentimentos que reverberam no meu coração construindo memória e dando sentido à nossa cultura. Assisti mulheres e homens derretendo, desfeitos na escuridão, desconhecendo o tempo que se aproximava, incertos diante do idioma que oculta, apoderando-se dos seus sentidos, respondendo algo que eles não sabiam ler. Para acostumar-se com a vida, com a ferida, com a paixão, com a descoberta e a desapareição; para acostumar-se a não curar a saudade, para tratar presumindo que seja esta a essência da reciprocidade,

para acostumar-se à mútua e compartilhada acolhida, presumo que todos se ofereçam para juntos lograr ser melhor. Ouçam os barqueiros, toquem seus remos, guardem as distâncias e as ribeiras, ouçam-nos em seus alertas, suas calmarias e suas pressas, tenham atenção ao seu estilo, como escolhem os cais, como usam os ventos, como flagram os riscos, como preservam as fêmeas, como garantem a reprodução, como administram seus amores à distância; Ouçam os barqueiros preservadores das espécies e das inocências.



TECIDOS FENÍCIOS

Outra colaboração dos fenícios foram os tecidos com grande fama entre eles o linho branco e a lã púrpura. Os tecidos de Sidón faziam as delícias dos portos orientais, uma tecelã de linho ganhava mais que uma de lã o que se deduz que aquele produto era mais complexo e especializado que o outro. A lã e os tecidos fenícios eram populares pela sua tintura, a púrpura,

que se converteu em um produto quase exclusivo desta civilização. Os nobres disputavam esses tecidos então considerados o mais elevado sentido estético oferecido até então. Os fenícios se chamavam de fenícios, devido ao comércio da tinta púrpura, famosa em todo o Mediterrâneo.



PÚRPURA

A púrpura (phoinikés) era uma tinta cuja gama de cores oscilava do vermelho brilhante e o roxo mais violáceo, e se extraía de um molusco (Murex) através de complexos processos físico-químicos. As diferentes variedades destes moluscos –como puderam ser Murex truncullus, Murex brandris, a Purpura haemastoma – devia manter-se viva após a pesca, já que o líquido que se buscava para a tintura exalava ao morrer. Segundo Plínio, estes moluscos poderiam viver cinquenta dias depois de ser capturados alimentando-se de sua própria saliva.

CANANEUS

Os Cananeus influenciaram várias culturas, criaram Cartago e Ibiza, todo o sudeste da Península Ibérica como entrepostos entre outros deixando marcas culturais profundas na construção da história da humanidade. Sua cultura e seu idioma estão presentes ainda hoje.



VIAGENS DOS FENICIOS

Inventaram o bi remo e o tri remo. Estima-se que cada viagem dos Fenícios pelos mares poderia tardar até cerca de 3 anos entre ida e volta justificando a criação de entrepostos para o intercâmbio a que se dedicavam. Entre esses é citada Tárzis que seria um desses lugares intermediários sem que se tenha ainda definido sua localização. Há estudos sobre rotas à África e Atlântico.

DESCONCERTO

Nos tempos dos peregrinos, combateremos às pressas, não deixaremos os ventos estufarem as velas tumultuando as rotas. O silêncio das vítimas deveu-se ao desconcerto da ignorância e da omissão construídas.



MADEIRAS E MARFINS

Acredita-se que a administração das cidades tinha como monopólio de a produção de madeira já que para seu transporte havia que realizar barcos especiais e era um dos produtos fenícios mais demandados. Esta madeira podia proceder de distintas espécies arbóreas, entre elas estavam os aloes, sândalos, zimbro ou ciprestes. Porém de todas elas destacava o famoso cedro do Líbano, que se extraía do monte Kasios cuja produção se destinava em grande parte para a fabricação de móveis de luxo e construção de barcos. Também o marfim do hipopótamo até sua extinção, posteriormente o marfim do elefante.

MUSEU DE PERGAMON

Recentemente encontrei no Museu Pergamon, o mais importante de Berlim, vários fragmentos arquitetônicos de Baalbeck ali expostos.



O VENTRE DOS MARES

Rasgando o ventre dos mares, desmoronavam os mastros, gemiam as madeiras, destramando os tecidos das velas a tempestade precipitava o ar até esgotar todos os fôlegos. Trovões berravam enfurecidos zombando das rachaduras esfolando suas pontas aguçadas. Vacilantes seguiam para continuar suas viagens até onde se animassem de coragens extras as suas experiências.

A CIDADE FENÍCIA DE CARTAGO

Durante 1.000 anos os fenícios dominaram o mediterrâneo e quando é invadida pelas tropas romanas a cidade fenícia de Cartago tinha 500.000 habitantes. Tudo convergia em Cartago.



LITORAL

Um litoral muito frequentado, como nos indicam a fundação da cidade de Linux e a utilização da fábrica na ilha de Kerné, rendeu a investigação de uma escassíssima documentação iconográfica sobre barcos e nenhuma de arqueologia náutica. As fontes literárias, tão pouco deixa margem de dúvida sobre a importância da navegação antiga nestas águas. Atualmente o Centro de Estudos fenícios e Púnicos já em seu 4º. Colóquio acontecido no Tenerife, publica um fantástico documento de 376 páginas de vários autores.

VENTOS

Dependendo de remos quando o vento não ajudava, os navios fenícios não tinham muita autonomia e faziam rotas próximas à costa, com paradas constantes. Assim eles estabeleceram mais de 300 colônias, normalmente meras vilas costeiras de menos de mil habitantes.



AS VILAS

As vilas não eram possessões coloniais no sentido moderno – eram estabelecidas com o consentimento dos moradores da região e não tinham zona rural, dependendo dos locais para suprir-lhes alimentos. Era mais um entreposto que colônia, num modelo que os portugueses repetiram 2 mil anos depois com suas feitorias asiáticas.

A grande exceção ao modelo fenício era Cartago, que tinha territórios no interior, e passou a ser o entreposto principal. Localizada na atual Tunísia, ficava na metade do caminho para as rotas que vinham da Sardenha e Sicília.

OS FENICIOS E O ATLANTICO

Os trechos de cultura em terraço, terraceamento do terreno, inventado pelos fenícios espalhou-se pelos países do Mediterrâneo. Os maias faziam o mesmo em Caracol, Belize e no Equador 1,5 séculos a.C. e os astecas no México.



OBJETOS

As cidades fenícias se especializaram na produção de determinados bens –madeiras, objetos de marfim, joalheiras, tecidos e uma grande quantidade de produtos-, que eram expostos a países vizinhos em troca da importação de alimentos. Fenícia se converteu deste modo na principal abastecedora de Manufaturas do Mediterrâneo oriental.

PERMUTA

O intercambio de produtos fenícios se dava de forma estratégica sendo portos próximos a rios, ou pequenas bahias que podiam servir de comunicações próximos a água doce e planícies férteis destinadas à produção agrícola da colônia. Com o assentamento estável se construía edifícios de tradição fenícia com o fim de organizar a vida administrativa e comercial do assentamento muitos dos quais, com vários cômodos para funções administrativas, de armazenamento e de residência.



ALIMENTOS

Os locais arqueológicos ocidentais nos servem como fonte uma serie de tábuas encontradas em Ugarit, que aportam grande informação sobre o setor de alimentação. Como por exemplo está a tábua TU 4.345, da qual se verifica que o cereal mais consumido nesta

cidade antes de sua queda no século XII a.C, era a espelta, mais barato e de menor qualidade, seguida da cevada e o trigo, que seriam mais secundários. A cevada custava em Ugarit a metade que o trigo, do que se deduz que a produção e consumo deste cereal era maior. A isto se somam uma série de achados arqueológicos nas cidades fenícias que permitiram a descoberta de ânforas tipo hippos com trigo carbonizado, o que pode indicar o uso destes recipientes para o armazenamento deste cereal. Em Linux –norte de Marrocos-, o cereal representou 90% da produção total da cidade durante os séculos VIII e VII a.C. que além de alimentar servia para comerciar o excedente. Em Cartago, a produção do cereal era 75% do total, em Baria, chegou a alcançar uma produção de 82% até o século V a.C.

O VINHO E OS FENICIOS

O vinho e sua cultura expandiram-se desde o Oriente pelos barcos fenícios já que eles foram pioneiros na produção de uva com o fim de fermentar seu suco e extrair o vinho. Por isso, a importância do vinho como fator econômico para determinadas cidades fenícias foi destacável, porém o mais importante foi a influência posterior deste produto e sua extensão em todo o arco mediterrâneo como um dos consumos estrela através dos tempos. A uva se destacou, foi um estandarte para a civilização fenícia pois foram eles que expandiram por todo mediterrâneo os conhecimentos e as técnicas para a produção do vinho, o que iniciou uma forte tradição vinícola que logo seria continuada por púnicos, gregos e romanos. Além de que o vinho não somente teve uma função alimentícia, mas que seu uso derivou em práticas rituais ante os deuses, como o caso de Astarté, aqueles realizavam umas festas em sua honra na época de vindima.

UVA DE UGARIT

Na cidade de Ugarit 33% do território era dedicado ao cultivo da uva por sua elevada rentabilidade econômica. Uma vez colhidas as uvas e pisoteadas se fazia em condições ótimas de iluminação e ventilação para evitar a oxigenação excessiva do mosto e depois da primeira fermentação se depositava em recipientes como ânforas e odres. Estas ânforas, que serviram inclusive como unidades de medida, não só serviram para o vinho, mas também como recipientes de azeite.



CANAÃ

Cannã designava mais que apenas as terras dos ditos Fenícios, era toda a região entre o sul da Síria e a Palestina, habitada também por outros povos, como os hebreus e os filisteus – cuja história, de fato, se confunde com a deles desde antes do século XII a.C.

COLONIAS

Expandindo suas atividades comerciais, os Fenícios fundaram diversas colônias que, a princípio, serviam de bases mercantis. Eles elevaram a atividade comercial para um patamar de valores que nenhum outro povo até então tinham conseguido. Encontramos colônias fenícias em lugares como Chipre, Sicília, Sardenha e sul da Espanha. No norte da África, os fenícios fundaram a importante colônia de Cartago. Uma característica dos fenícios era a de ser um povo que trocava culturas sem haver dominado ou invadido nenhum outro povo. O que se mantém como vestígio cultural ainda presente no antigo território Fenício, hoje Líbano.



NAUTAS

Os Fenícios desenvolveram navios avançados que lhes davam condição de navegar por todo o Mar Mediterrâneo. Os navios fenícios eram adornados

com uma cabeça de cavalo em referência a um deus chamado Yam, considerado o deus portador do caos e aquele que era responsável por manter o mar calmo.



HUMANO- NATUREZA

Na esfera religiosa, os fenícios ficaram conhecidos pelo seu amplo interesse nas práticas animistas, ou seja, a adoração às árvores, montanhas e demais manifestações da natureza. Sua familiaridade com o mar permitiu navegações distantes em perfeita unidade humano-natureza.

COMÉRCIO

O desenvolvimento do comércio pelos Fenícios aconteceu primordialmente através da realização de trocas de mercadorias. Com o passar do tempo, a expansão das atividades privilegiou a fabricação de moedas que facilitaram a realização de negócios. Sob tal aspecto, se destaca a grande complexidade do artesanato entre os Fenícios. Madeiras, tapetes, pedras, marfim, vidro e metais eram alguns dos produtos que atraíam a atenção dos habilidosos artesãos Fenícios.



CONSTRUINDO ALFABETOS

Os alfabetos Púnicos, Árabe, Latino, Hebraico, Grego, tiveram origem no alfabeto Fenício.

Heródoto se refere aos Fenícios como precursores do alfabeto.

O alfabeto fenício era composto por 22 sinais, sendo, mais tarde, aperfeiçoado pelos gregos, que

lhes acrescentaram outras letras. O alfabeto grego deu origem ao alfabeto latino, que é o mais utilizado atualmente.



MUREX

Com o extrato dos caramujos do gênero Murex, a riqueza obtida com a comercialização da púrpura criou um meio de transporte para os moluscos vivos mantidos na água do mar. A razão para este transporte deveu-se a que a púrpura (phoinix) era eliminada no momento da morte. Os Cananeus eram chamados pelos gregos de Fenícios por phoinix segundo Miles.

ENTREPOSTOS

Os Fenícios criaram entrepostos para comercializar suas mercadorias e, sua cultura em várias dimensões. Mas a mais significativa das suas criações foi o Armazenamento, que permitiu uma revolução na história dos alimentos. Por mais de mil anos, os Fenícios foram a loja ambulante da Antiguidade. Se algo pudesse ser vendido, eles vendiam: vinho, azeite, móveis, joias, ferramentas, armas, tecidos, peles, esculturas e artesanatos, por uma taxa especial, seus serviços como os melhores marinheiros do mundo.



CEDRO

Suas atividades apoiadas na criatividade supriam a baixa produção em função das condições territoriais. O aproveitamento do cedro por ser uma madeira leve e forte, ideal para construir embarcações.

O Panteão (Pantheon) é um edifício em Roma, Itália,

encomendado por Marco Vipsânio Agripa durante o reinado do imperador Augusto (r. 27 a.C.–14 d.C.) e reconstruído por Adriano (r. 117–138) por volta de 126. O teto do Panteão Romano é de cedro do Líbano ali colocado é o mesmo da sua construção.



Roberto Curi Hallal

